

O DISCURSO TEXTUALIZADO NAS LEGENDAS DO JORNAL BRASIL DE FATO

Jonathan Raphael Bertassi da Silva¹

Resumo: A partir do referencial teórico da *Análise do Discurso* de matriz francesa, o presente estudo interpreta fotografias e legendas do jornal BRASILdeFATO rastreando como os enunciados fazem falar certos sentidos e silenciam outros. Intentamos flagrar como a ideologia interpela o sujeito discursivo de modo a produzir o efeito ideológico de, fazendo falar o dizer midiático como verdade. No caso das fotografias, interpretamos como o uso de enquadramentos, ângulos, focos e o diálogo da imagem fotográfica com sua legenda de ancoragem servem de sustentáculo de um sentido “ditado” pelo sujeito-editor do jornal para inscrever uma diretividade de leitura e uma interpretação tida como natural. Contestando o mito da objetividade, inferimos que a composição de legendas jornalísticas não é “neutra” visto que depende da formação discursiva à qual o sujeito se filia. O corpus da pesquisa é formado por fotos e recortes lingüísticos de legendas do jornal BRASILdeFATO, divulgados entre maio de 2005 e julho de 2006.

1) Introdução

O norte deste artigo consiste no imperativo de pensar as fotografias e legendas midiáticas como materialidades discursivas diferentes que, na pretensão da imprensa por uma suposta “objetividade” que deveria pautar toda linha editorial jornalística, delineiam uma aparente homogeneidade que busca dissimular o efeito ideológico de evidência no discurso verbal e não-verbal, fazendo-os os únicos sentidos possíveis. Mobilizaremos os pressupostos teóricos da *Análise do Discurso* (AD) de filiação francesa para interpretar o verbal e também os trabalhos de Philippe Dubois (1993) e Martine Joly (1996) para interpretar a imagem, levando em conta os estudos sobre a imagem fotográfica e suas particularidades na circulação de sentidos através de recursos que o olho humano, grosso modo, não teria como perceber e que fazem parecer óbvias certas interpretações.

O diferencial do artigo reside na reflexão sobre a legenda jornalística e seu efeito de condensação dos sentidos do/sobre o discurso não-verbal, marcando como o heterogêneo tende a ser contido nas legendas, algo que pode passar despercebido numa leitura parafrástica favorecida pela diagramação do jornal. Não obstante, vale ainda interpretar o mito da “objetividade” que está associado ao registro fotográfico para, através do corpo lingüístico das legendas de ancoragem, instalar efeitos de sentido. Para a realização da pesquisa, constituímos um *corpus* com recortes lingüísticos do jornal alternativo *Brasil de Fato*, lançado durante o Fórum Social Mundial em 2003.

Como já vimos em outros trabalhos, (SILVA; YADO; ROMÃO, 2008b; SILVA; RO-

¹ Aluno do Curso de Ciências da Informação e da Documentação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), bolsista Iniciação Científica FAPESP (06/60566-4). Orientadora: Profa. Dra. Lucília Maria Sousa Romão (FFCLRP/USP)

MÃO, 2008a), o *Brasil de Fato* é um jornal que se filia à formação discursiva (FD) de resistência, diferenciando-se dos dizeres instalados pelas grandes empresas de comunicação e assumindo sua filiação política até em chamadas publicitárias como a veiculada na revista *Fórum* em maio de 2008 (FÓRUM, 2008, p. 31), que enuncia “*O jornal de esquerda*”. Temos, nessa inscrição, o significante “*esquerda*”, tão politicamente carregado, redigido em cor vermelha, o que faz falar um modo de produzir sentidos, qual seja, coloca em movimento a voz de contestação da propriedade privada, da ordem capitalista e da produção centrada na exploração do trabalho. Também nessa direção está o *slogan* do jornal: “*Uma visão popular do Brasil e do mundo*”, criando um contraponto aos outros relatos midiáticos em que haveria uma “visão elitista do Brasil e do mundo”. Esse modo de dizer e silenciar põe em movimento o efeito de divisão nos modos dos jornais relatarem os acontecimentos em função da classe social a que estão filiados. Nesse caso, o jornal está explicitamente comprometido com o mundo do trabalho, o que implica enunciar em nome dos desfavorecidos.

As grandes corporações da mídia, filiando-se a lugares de poder já inscritos socialmente pelas elites, tendem a apregoar imparcialidade, objetividade e isenção, quer dizer, o “mito da informação inequívoca” tão caro a certas formações discursivas alinhadas à defesa do capital. Tais formações escondem contradições sociais típicas do capitalismo, sob o manto da liberdade de imprensa e da neutralidade, o que nos leva a considerar a atualidade da formulação ácida de Pêcheux.

Encontramos essa divisão nas relações de produção capitalistas, e sob sua forma jurídica, que deve tirar os equívocos com contratos, trocas comerciais, etc. (igualdade lingüístico-jurídica entre as partes contratantes), e, simultaneamente, manter o equívoco fundamental do ‘contrato de trabalho’, o que se pode resumir dizendo que, no direito burguês, ‘todos os homens são iguais, mas há alguns que o são mais que outros!’ [PÊCHEUX, 1997, p. 27].

Tomamos a materialidade lingüística do jornal *Brasil de Fato* como discurso, ou seja, como movimento de efeitos de sentidos entre interlocutores, buscando refletir sobre a fotografia e a legenda para, finalmente, chegarmos às análises.

2) Fotografia como ilusório “espelho da realidade”

Desde a segunda metade do século XIX o conceito de “neutralidade” da fotografia fixou alicerces no senso comum. Mais tarde, esse conceito ganhou força com o surgimento de recursos que aproximam as fotos à percepção do olho humano, como o uso de cores. A fotografia, “*é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra*” (DUBOIS, 1993, p. 25). Junto com essa pretensa “aproximação da realidade”, contudo, apareceram mecanismos que o olho hu-

mano nu não seria capaz de notar, como focos, controle de iluminação, etc; enfim, a edição da fotografia – que encontrou seu auge na era do *Photoshop*. Os recursos tecnológicos permitem, para citar só a mais famosa das muitas alterações possíveis, justapor recortes de duas fotografias. Isso passa a produzir sentidos sobre o registro fotográfico especialmente ligados ao imaginário da verdade, pois “*qualquer imagem passou a ser manipulável e pode perturbar a distinção entre ‘real’ e virtual*” (JOLY, 1996, p. 26).

Ainda assim, a fotografia teria o efeito de uma prova irrefutável da realidade, visto que, conforme muitos autores, ela trataria do referente, o que promove um efeito de colamento entre a imagem e a realidade. No entanto, não podemos dizer que o processo de produção de sentidos em uma fotografia dá-se de maneira homogênea entre todos os leitores, pois a interpretação de um objeto depende da posição que o sujeito ocupa.

Seria, então, a fotografia um espelho da realidade emoldurado pela univocidade? Não. Tanto para os teóricos da imagem quanto para os da AD a interpretação é constituída socialmente a partir da posição do sujeito, do modo como ele ocupa determinado lugar onde os sentidos são naturalizados pela ideologia. Mas ainda que se entenda a fotografia como sócio-ideologicamente constituída, é recorrente os sentidos sobre ela apresentarem-se instalados em duas regiões do já-lá. A primeira é o legado artístico que a fotografia herdou da pintura, tendo até granjeado o *status* de “oitava arte”. Neste caso, à fotografia é atribuído um valor de objetividade como se, ao manusear as lentes, o sujeito não estivesse implicado pela ideologia em uma região de sentidos sobre a realidade. A segunda é o modo como a fotografia é usada, sobretudo no meio jurídico e midiático, como evidência de uma realidade independente do sujeito, com base num pensamento neopositivista e estrutural da ciência, tendo a fotografia aí o papel de “mostrar o que se quer dizer”.

No caso do primeiro preconceito, trata-se de um denominador comum em todas as artes. Coloca-se o sujeito-fotógrafo, sob o manto sagrado de autoridade artística, como ser inatacável cujos enunciados pertenceriam a “outra dimensão” e cuja compreensão seria permitida apenas a alguns leitores “eruditos”. Toma-se o fotógrafo apagando-se a sua condição de sujeito de/à linguagem. Na verdade, a posição do sujeito está ligada às condições de produção, evidenciando o jeito como a ideologia o toma de assalto, capturando-o em um lugar em que parece evidente dizer de um modo e não de outro.

Não deixa de ser paradoxal essa constatação, pois um dos deleites da arte (em qualquer de suas manifestações) é justamente a riqueza de leituras possíveis, sem favorecer nenhuma. Sendo assim, não poderíamos concordar com o postulado de que numa fotografia existe um

sentido imanente; ao contrário, os sentidos sobre uma fotografia são produzidos na relação com os sujeitos, sujeita ao equívoco, imprecisão, opacidade. Desse modo, a fotografia no dizer jornalístico é compreendida como discurso marcado pela heterogeneidade de vozes em que pese o imbricamento do modo de dizer e significar do sujeito-fotógrafo, do editor, etc, ou seja, como colagem de várias vozes que, longe de construir um espelho para a realidade, inscrevem um modo de significá-la e produzir sentidos sobre ela.

3) Legendas de fotografias no discurso midiático: dispersão e contenção

Segundo Orlandi (1993, p.13-4), “*Na relação do falante com a mídia, o que podemos observar é pois o cálculo do sentido pelo verbal (...)*”. Assim, a legenda na página jornalística constitui esse lugar de estabilização do sentido “natural”, contendo a deriva de sentidos que a fotografia propicia e garantindo uma ilusão de homogeneidade entre o imagético e o lingüístico.

O discurso da mídia está muito longe da “imparcialidade”, porque o espaço discursivo midiático é permanentemente afetado pelo exercício do político na medida em que as condições de produção desses dizeres têm relação com uma cadeia de interesses em que pese a implicação da voz de editores, anunciantes, proprietários. Sobre isso, Arbex (2001, p. 59) afirma que “*quanto maior o capital necessário ao investimento em novas tecnologias, mais a mídia se tornou dependente dos anunciantes e dos sistemas de crédito*”. Temos, a mídia como uma instituição que faz circular um sentido dominante “*que se institucionaliza como produto da história: o ‘literal’*” (ORLANDI, 1996, p. 144) e, ao mesmo tempo, impede a emergência de outros sentidos. Esse sentido dominante não se naturaliza por acaso, é legitimado conforme condições de produção sócio-históricas, no caso definido pelo alinhamento das corporações de mídia ao grande capital (muitas vezes transnacional).

Há sentidos a serem regularizados como os únicos confiáveis e, no entanto, há sempre algo que escapa na linguagem, espaços em que o sentido dominante fura e instala a ruptura. Tal movimento entre o que estrutura e o que desestabiliza foi teorizado por Pêcheux (1999) e ecoa no fragmento abaixo:

Relações de poder e estratégias de luta constituem, uma para a outra, uma espécie de limite permanente, um ponto de reversão possível. Ao mesmo tempo, elas constituem uma fronteira: não é possível haver relação de poder sem pontos de insubmissão que, por definição, lhe escapam. [GREGOLIN, 2003, p. 103].

Tais relações de poder materializam-se nas imagens e palavras de uma formação discursiva que remete a uma formação ideológica. Inferimos, então, que as fotografias e as legendas

constituem esse lugar de condensação dos sentidos que precisam as tensões de poder que subjazem o dizer jornalístico. Considerando que é preciso escolher uma imagem plástica (ou várias) que dê rosto ao dia anterior (na Internet, ao minuto anterior), o sujeito no discurso jornalístico lida com essa demanda de modo a ‘escolher’ um retrato visual que imaginariamente estabeleça um sentido evidente e natural para os acontecimentos, naturalizando, pela via do imagético, um sentido apenas e descartando outras formas de dizer. Juntamente com a fotografia, a legenda cumpre a função de estabilizar, na ordem da língua, apenas uma formulação para a polissemia de sentidos que a fotografia poderia instalar. “*A função de ancoragem consiste em deter essa ‘cadeia flutuante do sentido’ que a polissemia necessária da imagem geraria, designando ‘o nível correto de leitura’ (...)*” (JOLY, 1996, p. 109). Dessa maneira, fotografias e legendas formam um par a ser falado como homogêneo, silenciam os sentidos não desejáveis que poderiam circular, mas que ficam contidos nas duas materialidades.

...a mídia funciona através da redução do não-verbal ao verbal, produzindo o efeito de transparência, da informação, do estável (ou, pelo menos, do diretamente decodificável). A própria concepção da mídia fica assim afetada pelo efeito de continuidade homogênea do não-verbal ao verbal. (...) A mídia tem seu domínio específico de significância e o verbal não é sobredeterminante quando restituímos a mídia a esse seu domínio próprio. [ORLANDI, [1993], p. 9-10].

Fazendo uso da linha neopositivista da terapêutica da linguagem criticada por Pêcheux (1982), a mídia encontra na legenda a forma de instalar uma interpretação unívoca da imagem, fazendo-a um mero acessório complementar ao ser traduzida e verbalizada e, assim, perdendo o caráter de texto (SOUZA, 2001). Ou seja, embora se pense que a legenda vem a reboque da imagem, muitas vezes é a primeira que se submete à interpretação ditada pelo verbal. Mesmo artigos de biblioteconomia como o de Smit (1995), cujo escopo é debater a classificação das imagens ou dos sons sem exatamente levar em conta o discursivo, denunciam esse fenômeno *logocêntrico*, isto é, da separação entre a informação dita “séria” – a lingüística – e a “emotiva” – a audiovisual/imagética. Daí a suposta necessidade de usar o verbal para emprestar “credibilidade” à fotografia.

Tal fenômeno é sustentado pelo mito da “objetividade da informação”, partindo do pressuposto de que, na mídia, a imagem e a linguagem seriam uma cópia asséptica de algo que se deu de verdade e como a mídia apresenta, o relato, então, passa a ser entendido como passível de interpretação literal.

Para a AD, interpretar fotografias e legendas reclama compreensão dos processos históricos de constituição dos sentidos, pois a sonoridade, a imagem, o traço “*não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis, sob certas*

condições” (op. cit., p. 7). A leitura do verbal é diferente da do não-verbal, portanto, pelas particularidades constituintes de cada uma dessas linguagens.

Enquanto a leitura da palavra pede uma direcionalidade (da esquerda para a direita), a da imagem é multidirecionada, dependendo do olhar de cada ‘leitor’. (...) Quando se recorta pelo olhar um dos elementos constitutivos de uma imagem produz-se outra imagem, outro texto, sucessivamente e de forma plenamente infinita. Movimento totalmente inverso ao que ocorre com a linguagem verbal: quanto mais se segmenta a língua, menos ela significa. [SOUZA, 2001, p. 6].

Observamos que a legenda funciona discursivamente como meio de administrar a polissemia da fotografia, recortando alguns elementos e produzindo “uma outra imagem, outro texto” a ser tomado como evidente. Temos, então, a legenda marcada pelo efeito de explicação da imagem, inscrevendo o sentido de inteireza e unidade tão ambicionados pelo imaginário que sustenta o discurso jornalístico.

Nota-se, aliás, que na maioria das vezes o tamanho da legenda cobre quase completamente o espaço abaixo da fotografia, cobertura esta que para nós é bastante significativa já que o verbal parece condensar tudo o que o imagético poderia instalar como sentido(s). Sobre a carência do ponto final, deixa um efeito de incompletude e fixa o efeito de homogeneidade com a fotografia, uma vez que também a fotografia é um enquadramento (ou recorte) do visual, sem ter ela mesma um “ponto final”. Também o uso de uma mesma legenda para duas (ou mais) fotos faz falar um suposto diálogo entre ambas e, dependendo da diagramação e dos próprios dizeres da legenda, instala o efeito de homogeneidade ou de conflito entre elas.

Coloca-se o “tempo” da imagem através dos tempos verbais, geralmente marcados no presente. Isso inscreve a noção de um presente espetacularizado na mídia; basta notar, por exemplo, a recorrência de verbos no presente apesar de a fotografia, como já vimos, mumificar uma imagem passada. Contudo, pode-se também usar verbos no passado, quando se quer ressaltar o efeito de distanciamento do fato com o agora, pontuando algo que pertence à outra “realidade” ou que se tornou obsoleto para a atualidade. Nesse caso, muitas vezes o não-verbal também instala sentidos através de recursos como fotos em preto e branco. Notamos, assim, o quanto o verbal comparece no modo como as imagens são significadas e como ele faz falar certos sentidos e silencia outros. É justamente para esse movimento de tensão do verbal sobre o não-verbal que chamamos a atenção aqui.

4) Resultados e Discussões

Selecionamos um *corpus* constituído por recortes lingüísticos e imagéticos (legendas e fotografias) do jornal *Brasil de Fato*, colhidos de maio de 2005 a julho de 2006, sobre a ques-

tão agrária. Interessa-nos, a partir daqui, interpretar o modo como certos sentidos são colocados em discurso nas legendas de modo a conter a dispersão que as fotografias poderiam instalar.

Figura 1: Brasil de Fato nº 114, 05 de maio de 2005, p. 7



Inferimos que a imagem e a voz de Seu Luis pode nos remeter a lembrar de outros homens idosos, já que um rosto pontuado por rugas e um dizer sobre “*manerar o passo*” apontam na direção tanto de significar a fragilidade quanto de fazer falar a persistência de lutar. Temos, também, a possibilidade de interpretar um efeito de conselho no enunciado de Seu Luis sobre a necessidade de “*manerar o passo*”, conselho dirigido para a geração mais jovem (o “*amanhã*” marcado também pelos rostos jovens) ainda tem muita luta (“*a subida*”) pela frente. Desse modo, a legenda, na ordem da língua, tem uma função de ancoragem em que pesse o fechamento dos sentidos que, pela circulação do imagético, poderiam migrar em várias direções, marcando a amarração de um sentido apenas.

Figura 2: Brasil de Fato nº 136, 06 de outubro de 2005, p. 1.



A diagramação sugere um efeito de “unidade” (e homogeneidade) entre as duas fotos, a legenda e o resumo da notícia. Observamos aqui o papel da legenda na produção de sentidos homogêneos. De modo a preencher o espaço de dispersão dos sentidos deixado pelo cumprimento das duas fotos somadas, a legenda comporta as duas imagens fotográficas com duas formulações “Trabalhadores de Cabrobó (PE) participam de romaria em apoio ao bispo dom Luiz Cappio, em greve de fome desde 26 de setembro” e “Ele só volta atrás se o presidente Lula suspender o projeto de transposição”. O conceito de *narrativa do presente* mencionado por Gregolin (2003) é marcado aqui pela inscrição dos verbos no presente *participam* e *volta*, ambos indicativos de movimentos tanto da ação dos manifestantes (em romaria) quanto do clérigo (em greve de fome), unindo-as no tempo do agora. Contudo, a implicação de continuidade obtida pelas frases em cadeia (basta notar o uso do pronome “ele” na segunda frase, que remete ao bispo mencionado na frase anterior) é obtida somente através do verbal, dado que as imagens inscrevem sentidos de ocasiões e locais diferentes; daí a importância do verbal para essa ilusória unidade do funcionamento discursivo do jornalismo.

5) Conclusões

Verificamos que as legendas possuem impacto fundamental na leitura do não-verbal, a-

través de uma pretensa união entre dois discursos de materialidades e constituição divergentes. A cartilha do *logocentrismo*, que privilegia o domínio do lingüístico sobre outras materialidades encontra manifestações em toda mídia, embora de modo diferente na esteira de diferentes formações discursivas. Sob a égide da “imparcialidade”, a mídia faz circular, então, certos dizeres naturalizados ideologicamente, enquanto rechaça e silencia outros modos de relatar e produzir sentidos.

No caso do jornal *Brasil de Fato*, temos observado a filiação a uma formação discursiva de resistência àquela a qual se filia a imprensa majoritária. Com regularidade, este periódico materializa a voz dos trabalhadores como não acontece comumente na “grande mídia”, deixando emergir sentidos silenciados, excluídos e apagados nas páginas de outros jornais. Nas análises que apresentamos aqui, observamos como a legenda jornalística tende a produzir um efeito de homogeneidade, fazendo uma costura imaginária de conexão entre imagens fotográficas que poderiam abrir espaço para inúmeros gestos de leitura e interpretação.

Inferimos, assim, que a legenda cumpre esse lugar de ancoragem para que o sentido seja um e não vários, marcando que o heterogêneo e o múltiplo comparecem no dizer jornalístico. Nesse movimento de inscrever efeitos de abertura nas imagens fotográficas e condensar sentidos como mais fechados e objetivos no verbal dá-se a tensão do dizer midiático. Sobre ele, temos nos debruçado com recorrência a fim de atravessar a cortina de obviedade aparentemente erguida pelo modo como o jornalismo supõe dar a notícia, desconstruindo e interpretando o discurso, o curso da linguagem, do sujeito e dos sentidos que, migrantes, sempre escapam e vão tecendo teias tênues de significação.

Referências Bibliográficas

- ARBEX Jr., José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001. p. 57-62.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad.: Marina Appenzeller. 9. ed. Campinas: Papirus, 1993.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: *A leitura e os leitores*. ORLANDI, Eni (org.). Campinas: Pontes, 1998. p. 201-208.
- FÓRUM. São Paulo: Publisher Brasil, n. 62, maio 2008. ISSN: 1519-8952.

- GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*. In: _____ (org.). São Carlos: Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos)
- JOLY, Martine. *Introdução à análise de imagem*. Trad.: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção Ofício de Arte e Forma)
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- _____. *Discurso e Textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. [S.l.: s.n.], 1993. 16 p. (Mimeo)
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: *Gestos de leitura*. ORLANDI, Eni (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 1982.
- _____. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. (Coleção Repertórios)
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Mais de perto, mil faces secretas sob a face neutra: considerações sobre a heterogeneidade no discurso jornalístico*. Artigo publicado nos anais da página eletrônica da Associação Latinoamericana dos Estudos do Discurso. Santiago, Chile, 2005.
- _____. O jogo da memória e a atualização de sentidos no discurso jornalístico. *Revista Letras*, Campinas, v.5, n.2, 2006.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa; SILVA, Jonathan Raphael Bertassi. O discurso inscrito nas legendas do jornal BRASILdeFATO. In: *Discurso e Texto: Multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação*. São Carlos: EDUSFCar, 2008 (no prelo).
- SILVA, Jonathan Raphael Bertassi; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Fotografias e legendas do jornal BRASILdeFATO: discurso e ideologia. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 35, abr. 2008a. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/index.htm>, Acesso em: 30 jun. 2008.
- SILVA, Jonathan Raphael Bertassi da; YADO, Thaís Harumi Manfré; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *Análise discursiva sobre os dez anos da tragédia de Eldorado de Carajás*. 2008b. (artigo aceito pelo conselho editorial da Revista Comunicare, Faculdade Cásper Líbero, a sair).
- SOUZA, Tania C. Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. *Revista Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, n.6, 2001. Disponível em: www.uff.br/mestcii/tania3>. Acesso em: 06 jun. 2007.
- SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. *Ensaio APB*, n. 23, out. 1995.